

## AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DO GAY ENTRE ESTUDANTES DA PERIFERIA DO RIO DE JANEIRO

Luciano Luz Gonzaga<sup>1</sup>  
 Andrea Velloso da Silveira Praça<sup>2</sup>  
 Denise Rocha Corrêa Lannes<sup>3</sup>

### Resumo

O objetivo deste artigo foi identificar as Representações Sociais acerca de 'gay' entre estudantes do Ensino Médio Regular, em uma escola pública da Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro, segundo a orientação sexual e sexo. Foi aplicada uma questão de associação livre de palavras a partir da palavra indutora "GAY", bem como uma questão aberta sobre "O QUE VOCÊ PENSA DA UNIÃO HOMOAFETIVA". Nossos dados demonstraram uma crença conflitante e indefinida acerca do ser GAY em ambos os sexos, assim como discursos coletivos sobre a união homoafetiva de pleno aceite pelas meninas e de homofobia familiar pelos meninos.

**Palavras-chave:** Gay. Representações Sociais. Homofobia. Heterossexismo. Preconceito.

### 1 HOMOSSEXUALIDADE, HOMOFOBIA E UNIÃO HOMOAFETIVA: CONVERSA DE ESCOLA?

De acordo com Fazano, Ribeiro e Prado (2011, p. 66), "A homofobia se caracteriza por sentimentos de ódio, aversão e desprezo contra as representações sexuais que fogem ao modelo heterossexual" intensificando, assim, o preconceito contra homossexuais.

<sup>1</sup> Doutorando em Química Biológica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq. Mestre em Química Biológica pelo Instituto de Bioquímica Médica, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: [gonzaga-luciano@ig.com.br](mailto:gonzaga-luciano@ig.com.br)

<sup>2</sup> Doutora em Educação, Gestão e Difusão em Biociências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora da Universidade do Grande Rio, Coordenadora do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências. Chefe do Laboratório de prática docente em Educação, Saúde e Meio Ambiente da Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, RJ, Brasil. E-mail: [avellosobr@yahoo.com.br](mailto:avellosobr@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Doutora em Educação, Gestão e Difusão em Biociências, pelo Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Instituto de Bioquímica Médica onde é coordenadora da pós-graduação *Lato Sensu*: Especialização em Ensino de Ciências e da pós-graduação *Stricto Sensu*: Mestrado Profissional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: [lannes@bioqmed.ufrj.br](mailto:lannes@bioqmed.ufrj.br)



Segundo os autores (Op.cit, p. 66), a escola não colabora para a desconstrução da homofobia, ao contrário, corrobora com o modelo heterocêntrico:

A escola não é um espaço de expressão da sexualidade, pelo contrário. Ela restringe o comportamento, vigia e exerce um controle sobre as atitudes dos alunos. É tão hostil às manifestações das diferenças culturais quanto às relacionadas às expressões de sexualidade. Constrói e coloca em funcionamento mecanismos de controle social com o intuito de normalizar condutas e comportamentos. Dessa maneira, no que se refere às manifestações de sexualidade que não atendem ao modelo heterocêntrico, a instituição escolar pode colaborar para a construção e legitimação da homofobia.

Para Koehler (2009), os debates em torno da homossexualidade nas escolas são fundamentais para a “socialização e a humanização” e, portanto, “possibilitar a compreensão dos diferentes tipos de relações sociais” (p. 590). No entanto, diante dessa premissa, nos surge uma premente pergunta: as escolas, através dos seus respectivos professores, estão preparadas para esta conversa?

Conforme Maistro (2006, p.06), cabe às escolas um planejamento e ações pedagógicas sistemáticas. “Não se trata de palestras [...], mas sim de um canal permanentemente aberto para que as questões sobre a sexualidade possam ser discutidas com crianças e adolescentes, de maneira séria, clara e ampla”. No entanto, para a socióloga Berenice Bento, os professores não são e não estão preparados para essa discussão e as escolas, por sua vez, se apresentam “como uma instituição **incapaz** de lidar com a diferença e a pluralidade, funciona como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero e produtora da heterossexualidade” (2011, p555, grifo nosso).

É bem verdade que nos últimos anos têm-se percebido uma maior visibilidade em torno do tema homossexualidade (JUNQUEIRA, 2009), seja na mídia impressa ou televisiva, principalmente no que tange ao questionamento da união homoafetiva e da adoção de crianças, causando calorosos debates na sociedade.

Embora o Supremo Tribunal Federal (STF) considere a união homoafetiva como regime jurídico de união estável, existe uma distância entre o que diz a Lei e o que de fato as pessoas pensam e agem sobre o tema. Exemplos sobre essa questão são a dificuldade de adoção de crianças por famílias homoparentais (SANTOS, SCORSOLINI-COMIN, SANTOS, 2013); o número expressivo de assassinatos por homofobia, colocando o Brasil em primeiro lugar no Ranking desse tipo de crime (PEREIRA et al, 2013) e o “heteroterrorismo” nas escolas, culminando

na “expulsão” de estudantes gays que não suportam tal pressão (BENTO, 2011, p. 551).

Assim, tomando como base a noção de que homossexualidade é um conceito construído e compartilhado socialmente, bem como só pode ser entendido dentro de um contexto social e histórico. Desta forma, utilizaremos o aporte teórico da Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978) para que, partir do senso comum acerca da homossexualidade, possamos identificar opiniões, atitudes e estereótipos.

## **2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SEXUALIDADE E ESTUDANTES.**

Segundo Abric (1994, p.13) “a representação social como visão funcional do mundo, que permite ao indivíduo ou grupo dar um sentido às suas condutas e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referência, logo, adaptar-se e definir seu lugar nessa realidade”.

Destarte, é fundamental considerar quais são as representações sociais em torno do ser gay e como os indivíduos que “incorporam” essas representações sociais as comunicam. Pois, para Pereira e colaboradores (2011), identificar o que as pessoas têm sobre a natureza dos grupos sociais são fatores fundamentais para a compreensão das tensões intergrupais.

Moscovici (1978) formula a hipótese de que as representações sociais possuem três dimensões, as quais são de grande utilidade metodológica para a comparação de grupos quanto ao seu grau de estruturação, são elas:

A dimensão ‘informação’ refere-se à organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social; a dimensão ‘campo de representação’ remete a ideia de imagem, de modelo social, e ao conteúdo concreto das proposições sobre um aspecto preciso do objeto das representações sociais e, por último; a dimensão ‘atitude’ referente a uma orientação global em relação ao objeto da representação, que pode variar de favorável à desfavorável, assim como proposições intermediárias.

Assim sendo, analisar a representação acerca da palavra indutora GAY que estudantes do ensino médio, de uma escola pública da periferia do Estado do Rio de Janeiro, explicitam o seu conteúdo, as suas dimensões e o seu processo de

formação, significa oferecer informações de especial relevância para a compreensão de determinadas atitudes e/ou comportamentos desses adolescentes acerca de um tema tão controverso e polêmico (MENEZES, MENEZES e LUDWIG, 2013), uma vez que há uma “preocupação ampla com a análise de respostas sociais ao reconhecimento dos direitos das pessoas LGBT, na região metropolitana do Rio de Janeiro, focalizando a Baixada Fluminense” (NATIVIDADE e BILATE, 2010, p.1).

Dessa forma, mais do que realizar observações sobre diferenças, que muitas vezes não só reproduzem como legitimam o pensamento e discursos sociais (PEREIRA, 2013), este trabalho pode ser entendido como um esforço em dar outra inteligibilidade aos processos complexos de enunciação do gênero e das suas expressões.

### **3 METODOLOGIA - PARTICIPANTES**

O grupo social escolhido para a realização deste trabalho é composto de estudantes do Ensino Médio de uma escola pública, moradores do município de Nova Iguaçu, Região da Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro.

Dos 105 alunos matriculados na última etapa da educação básica, 50,5% são do sexo feminino e 49,5% do sexo masculino, sendo que destes, 95,3% se autodefinem heterossexuais. Composto, assim, a nossa amostra.

O baixo percentual de alunos (4,7 %) que se autodefine como homossexual ou bissexual, num universo de 105 alunos, talvez se deva ao fato de que “muitos adolescentes homossexuais são forçados a se tornarem invisíveis nos espaços escolares e na família” (FAZANO, RIBEIRO e PRADO, 2011, p. 69).

A idade dos participantes varia de 16 a 19 anos (M= 17,1 anos; DP= 2,12). Todos são solteiros e apenas 7% são trabalhadores. 53% se identificam como católicos, 34% como evangélicos, 11% como espíritas e 2% não responderam.

### **4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA**

Com o objetivo de caracterizarmos melhor a nossa amostra, aplicamos um questionário estruturado a fim de obter a idade, a orientação sexual, o estado civil, a

orientação religiosa e a situação trabalhista dos estudantes da última etapa da educação básica.

Para proceder a coleta e a análise de dados da representação, foi escolhido o Teste de Associação Livre de Palavras, cuja técnica permite ao sujeito falar e escrever vocábulos que lhe venham à mente, após ser estimulado por uma palavra ou expressão indutora que caracteriza o objeto de estudo (SÁ, 2002).

O Teste de Associação Livre de Palavras, originalmente desenvolvido por Carl Jung na prática clínica e adaptado por Di Giacomo, em 1986, no campo da psicologia social, vem sendo amplamente utilizado nas pesquisas sobre Representações Sociais. De acordo com Coutinho *et al* (2001), trata-se de uma técnica projetiva orientada pela hipótese de que a estrutura psicológica do sujeito torna-se palpável através das manifestações de condutas, evocações, escolhas e criações, constituindo-se em índices reveladores do conjunto da personalidade.

A análise e o tratamento dos dados obtidos pelos testes de associação livre de palavras foi realizada com o auxílio do software EVOCATION 2000 (VERGÉS *et al*, 2002) que, a partir da frequência da ordem das palavras evocadas e da prevalência em que elas foram citadas, foi nos permitido identificar os blocos de palavras centrais e periféricas das representações sociais de estudantes do sexo feminino e masculino sobre a palavra indutora GAY.

Em etapa posterior às Representações Sociais, aplicamos aos sujeitos da pesquisa um questionário com uma pergunta aberta sobre o que “*você pensa da união homoafetiva?*”. Para essa análise, utilizamos a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo- DSC (LEFEVRE, CRESTANA e CORNETA, 2003) que é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos.

O DSC é “a reunião em discursos-síntese dos conteúdos e argumentos que conformam opiniões semelhantes” (LEFEVRE e LEFEVRE 2010, p. 17) e que deve ser redigido na primeira pessoa do singular, com vistas a produzir no receptor o efeito de uma opinião coletiva. Tendo como fundamento a teoria da Representação Social e seus pressupostos sociológicos, a proposta consiste basicamente em analisar o material verbal coletado, extraído de cada um dos depoimentos.

## **5 REVELANDO OS RESULTADOS: Núcleo Central (NC) das Representações Sociais (RS) dos estudantes acerca de GAY: A CRENÇA DO GRUPO.**

A Teoria do Núcleo Central informa que, para se entender adequadamente as representações, não basta saber o seu conteúdo, é preciso também conhecer a organização interna da mesma. Ao propor essa teoria, Abric (1998) esclarece que:

A organização de uma representação apresenta uma característica particular: não apenas os elementos da representação são hierarquizados, mas além disso toda representação é organizada em torno de um Núcleo Central, constituído de um ou de alguns elementos que dão à representação o seu significado (p.28).

O Núcleo Central é decisivo na inflexão que o sentido de um dado objeto assume para um grupo em um dado contexto histórico e cultural (SÁ, 2002), representando, portanto, o caráter inegociável de um grupo.

Ao redor do Núcleo Central, Abric (2000) considera existência do sistema periférico. Esse sistema fornece coerência ao fato das Representações Sociais serem, ao mesmo tempo, rígidas e flexíveis, estáveis e móveis. São os elementos periféricos que dão mobilidade e flexibilidade ao sistema representacional e, assim, regulam e adaptam o sistema central aos constrangimentos e às necessidades cotidianas do indivíduo e/ou grupo, além de protegerem o Núcleo Central.

Com base nas informações supramencionadas e entendendo que o comportamento das pessoas é mediado pelas Representações Sociais que se tem às reações das pessoas frente a outras pessoas. O presente trabalho utilizou-se desse aporte teórico para identificar o conteúdo e a estrutura das Representações Sociais de estudantes da última etapa da educação básica acerca da palavra indutora GAY.

Dessa forma, ao verificarmos o conteúdo da representação dos 95,3% dos estudantes heterossexuais (QUADRO 1) acerca da palavra indutora GAY, notamos que o Núcleo Central (quadrante superior esquerdo) possui uma representação indefinida e conflituosa, pois há uma contraposição entre os vocábulos expressos como 'preconceito' 'alegre' e 'bicha' e a declaração de aceitação proposta pelas evocações 'opção', 'corajoso', 'liberdade' e 'normal'.

**Quadro 1-** quadro de quatro casas com os possíveis elementos constituintes dos núcleos central e periféricos da **Representação Social de GAY entre todos os estudantes autodefinidos heterossexuais, do 3º ano do Ensino Médio.**

	<i>Grande Força de Evocação</i>		<i>Pequena Força de Evocação</i>			
		f	OME <3,8		f	OME ≥3,8
<b>Alta Freq.</b>  <b>f ≥ 15</b>	Diferente	87	3,08	Respeito	18	3,89
	Alegre	78	3,46	Sexo	17	3,82
	Preconceito	49	3,32			
	Opção	44	3,02			
	Bicha	39	2,79			
	Corajoso	20	3,60			
	Liberdade	16	2,87			
	Normal	15	2,53			
<b>Baixa Freq.</b>  <b>f &lt; 15</b>	Efeminado	14	2,36	Vida	10	4,50
	Louco	14	3,36	Pessoa	09	4,00
	Deus	11	3,54	Humano	08	4,25
	Amigo	10	3,40	Nojento	07	4,14
	Amor	09	3,67	Pecado	07	4,00
	Legal	07	2,86			

No quadro, *f* é a frequência simples de evocação; A mediana da Frequência de Evocações é igual a 15 A média da *Ordem Média de Evocações (OME)* é igual a 3,8. As evocações com frequência menor que 07 (sete) foram desprezadas. No quadro, força esta associada à prevalência na evocação, onde a palavra citada na primeira posição tem força maior (igual a um) do que a citada na segunda posição (força igual a dois) e assim sucessivamente. Portanto, quanto menor o valor da OME maior a força de evocação.

Com forte tendência à centralidade, notamos a presença dos elementos ‘respeito’ e ‘sexo’ (QUADRO 1 - Núcleo Periférico Limítrofe –NPL, quadrante superior direito), sugerindo a possibilidade de vir a constituir uma representação de GAY por estudantes que respeitem a orientação sexual das pessoas, independente de serem iguais ou diferentes das suas.

Interessante perceber que na periferia externa da representação, Núcleo Periférico Externo - NPE (QUADRO 1- quadrante inferior direito), cujos elementos expressam as pressões fortuitamente impostas pela realidade do grupo, o GAY é visto como um ser humano que pelo seu modo de vida causa repugnância e transgride os preceitos religiosos.

De acordo com Ramires Neto (2006), o discurso religioso sobre a sexualidade e, em particular a condenação da homossexualidade, não pode ser desprezado. Como vimos na periferia propriamente dita da representação (NPE), a religiosidade

ainda é um dos “pilares que ajuda a explicar o que, do ponto de vista do gênero e da sexualidade, torna a sociedade brasileira, tão sexista e homofóbica” (p.45).

A periferia interna da representação (QUADRO1- quadrante inferior esquerdo) é formada por elementos muito importantes, mas para poucas pessoas (baixa frequência, mas com grande força de evocação). Entre este pequeno grupo aparece uma representação na qual o GAY, por um lado, é visto através de estereótipos aversivos como ‘efeminado’ e ‘louco’; por outro lado, é visto como fruto de uma criação divina, merecendo ser amado e, portanto, aceito como realmente é. A proposição de estar à margem das representações, que a princípio caracteriza este grupo, parece não se configurar, uma vez que esta representação periférica é também indefinida e conflituosa.

Interessante observar, a evocação ‘louco’ acerca do ser GAY surgir, mesmo que por uma minoria de estudantes, os quais em pleno Século XXI ainda guardam uma representação do final do século XIX ao constituir a homossexualidade como objeto de análise médica, “como ponto de partida de uma série de novas intervenções e controles [...] percebidos no interior de um parentesco global como loucos, como doentes do instinto sexual” (FOUCAUT apud BORGES, 2009, p. 43).

Em suma, ao analisar a Representação Social de todos os estudantes, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, revelaram uma crença incongruente a cerca do ser GAY e, talvez por existir uma representação indefinida e permeada de estereótipos preconceituosos, o estudante não heterossexual tenha receio de se expor e se colocar numa posição de risco, pois não sabe, ao certo, qual será a conduta dos outros alunos.

Desta forma, com a finalidade de identificar qual o sexo foi mais contundente no aspecto conflitante da representação, analisamos a Representação Social acerca de GAY, separadamente, a começar pelo sexo feminino (QUADRO 2) e, posteriormente, pelo sexo masculino (QUADRO 3).

Ao analisarmos detidamente o Núcleo Central (QUADRO 2 - quadrante superior direito) da representação por estudantes do sexo feminino, configuramos uma representação que apresenta pressupostos sobre determinadas características impostas pela mídia, como: ‘alegre’, ‘diferente’ e, pelo fato de ser *sui generis* da heteronormalidade sofrer ‘preconceito’ (SILVA, 2007; DARDE, 2008), ao mesmo

tempo em que se contrapõe à necessidade de haver 'respeito' pela 'opção', de um grupo que busca contentamento na sua 'liberdade' de expressão.

**Quadro 2-** quadro de quatro casas com os possíveis elementos constituintes dos núcleos central e periféricos da **Representação Social de GAY entre estudantes do sexo feminino, autodefinidos heterossexuais, do 3º ano do Ensino Médio.**

	<i>Grande Força de Evocação</i>		<i>Pequena Força de Evocação</i>			
	f	OME < 3,8	f	OME ≥ 3,8		
<b>Alta Freq.</b> f ≥ 12	<b>Alegre</b>	44	3,27	Incorreto	14	4,00
	<b>Diferente</b>	43	2,30	Corajoso	13	3,85
	<b>Preconceito</b>	30	3,07	Deus	12	4,58
	<b>Opção</b>	29	3,28			
	<b>Feliz</b>	16	3,37			
	<b>Liberdade</b>	14	2,57			
	<b>Respeito</b>	12	3,50			
<b>Baixa Freq.</b> f < 12	Louco	10	3,70	Decisão	11	4,36
	Feminino	09	3,11	Exibido	10	4,60
	Efeminado	08	3,25	Homossexual	07	3,86
	Sexo	08	3,12	Pecado	06	4,33
	Violência	08	3,62			

No quadro, **f** é a frequência simples de evocação; A mediana da Frequência de Evocações é igual a 12 A média da *Ordem Média de Evocações (OME)* é igual a 3,8. As evocações com frequência menor que 06 (seis) foram desprezadas. No quadro, força esta associada à prevalência na evocação, onde a palavra citada na primeira posição tem força maior (igual a um) do que a citada na segunda posição (força igual a dois) e assim sucessivamente. Portanto, quanto menor o valor da OME maior a força de evocação.

Com forte tendência à centralidade (QUADRO 2 - NPL - quadrante superior direito), notamos a presença dos termos 'incorreto', 'corajoso' e 'Deus', sugerindo a possibilidade de vir a constituir uma representação em que assumir a homossexualidade é um ato de coragem, mas 'incorreto' diante de 'Deus'.

Blindando a representação, verificamos que, na periferia externa (QUADRO 2- quadrante inferior direito), há o discurso das estudantes, no qual o GAY é um 'homossexual' 'exibido' e que, ao tomar essa 'decisão', viola o padrão religioso cristão para o comportamento humano, cometendo 'pecado'.

Para um pequeno grupo da representação (QUADRO 2 –Núcleo Periférico Interno- NPI, quadrante inferior esquerdo-N), está evidente o discurso de estereótipos preconceituosos associados aos comportamentos discriminatórios expressos nas evocações 'louco', 'feminino', 'efeminado', 'violência' e 'sexo'.

Diferente do verificado para o grupo geral, o grupo de meninas à margem da representação parece ser extremamente preconceituoso e intolerante.

O que podemos inferir sobre a RS acerca de GAY pelas estudantes não homossexuais é que, por menos preconceituosa que possa parecer revelado no Núcleo Central, o sistema periférico da representação, o qual realiza a conexão entre o sistema central e a realidade cotidiana e concreta do grupo acerca do objeto de estudo, demonstra uma intransigência com o tema, ora ancorada nos valores morais ora nos preceitos religiosos.

E quanto aos estudantes da nossa amostra do sexo masculino? Segundo dados de uma pesquisa comparando o Brasil e Portugal, “os homens são mais inflexíveis do que as mulheres no que diz respeito às normas de gênero, julgando de forma mais severa aqueles que consideram desviar-se dessas mesmas normas” (GATO, LEME e LEME, 2010, p.8). Dessa forma, o que pensam e como se comportam nossos estudantes do sexo masculino sobre o tema?

**Quadro 3-** quadro de quatro casas com os possíveis elementos constituintes dos núcleos central e periféricos da **Representação Social de GAY entre estudantes do sexo masculino, autodefinidos heterossexuais, do 3º ano do Ensino Médio.**

	<i>Grande Força de Evocação</i>		<i>Pequena Força de Evocação</i>		<i>de</i>	
	<i>f</i>	<i>OME &lt; 3,6</i>	<i>f</i>	<i>OME ≥ 3,6</i>		
<b>Alta Freq.</b>  <b>f ≥ 11</b>	Diferente	35	3,09	Sexo	12	4,09
	Bicha	34	3,30	Demônio	11	3,75
	Preconceito	24	3,46			
	Alegre	22	3,04			
	Opção	16	2,62			
	Homossexual	11	3,18			
<b>Baixa Freq.</b>  <b>f &lt; 11</b>	Efeminado	10	2,80	Feminino	09	4,56
	Normal	10	3,40	Respeito	08	4,25
	Deus	07	3,43	Opinião	07	4,14
	Louco	06	2,50	Feio	06	5,33

No quadro, *f* é a frequência simples de evocação; A mediana da Frequência de Evocações é igual a 11 A média da *Ordem Média de Evocações (OME)* é igual a 3,6. As evocações com frequência menor que 06 (seis) foram desprezadas. No quadro, força esta associada à prevalência na evocação, onde a palavra citada na primeira posição tem força maior (igual a um) do que a citada na segunda posição (força igual a dois) e assim sucessivamente. Portanto, quanto menor o valor da OME maior a força de evocação.

No tocante ao Núcleo Central da Representação Social acerca de GAY por estudantes do sexo masculino da nossa amostra (QUADRO 3 - quadrante superior

esquerdo), demonstra-se uma representação mais preconceituosa e por vezes hostil que as meninas, configurada através da troca das citações ‘feliz’, ‘liberdade’ e ‘respeito’ (ver Quadro 2) pelas citações ‘homossexual’ e, principalmente, ‘bicha’, a qual de acordo com Marsiaj (2003, p.142), corresponde a um termo utilizado para designar “devassos, pobres e marginalizados”.

Próximos de estarem no Núcleo Central da representação, surgem as evocações ‘sexo’ e ‘demônio’ (QUADRO 3 - NPL - quadrante superior direito), sugerindo uma representação distorcida do sexo na perspectiva moral cristã. Para esses estudantes, o ato sexual entre pessoas do mesmo sexo é uma “perversão demoníaca” (SANTOS, 2012, p. 11).

Protegendo essa representação, encontramos na Periferia Externa (QUADRO 3 - quadrante inferior direito), um discurso, embora estereotipado, mais tolerante quando se percebe o surgimento do vocábulo ‘respeito’. Nesse sentido, de acordo com Torres (2010), os debates realizados acerca da homossexualidade no ambiente escolar precisam atentar “para o perigo das generalizações dos discursos de Direitos Humanos para evitar a lógica da tolerância tão comum no ambiente escolar”, mas pouco eficazes.

Na Periferia Interna da representação (QUADRO 3 - quadrante inferior direito), encontramos uma Representação Social acerca do ser GAY desconforme, como ‘normal’ e ‘louco’; a imagem clássica do homossexual masculino como ‘efeminado’ e a presença enfática de ‘Deus’, novamente evocando a visão moral religiosa como julgamento desta orientação sexual.

Gostaria de chamar atenção do leitor para o vocábulo ‘opção’ fazendo elo com o vocábulo ‘diferente’ encontrado nas duas representações; de meninas (QUADRO 2) e meninos (QUADRO 3). Nessa junção, notamos que, independente do preconceito expresso, ser gay para esses grupos é uma escolha, é algo que se possa optar no desenvolvimento da sexualidade e como essa escolha não corresponde aos padrões cristãos é tida e vista como uma opção diferente.

Parece que a visão de gay entre os estudantes pesquisados, está ligada ao gay masculino (ou homem gay). É importante lembrar, que neste sentido, só apareceram nas representações tanto das meninas quanto dos meninos, citações como ‘efeminado’ e ‘feminino’ (não aparece masculinizada e masculina), além de ‘louco’, ‘exibido’, ‘corajoso’, ‘nojento’ e, mesmo, ‘amigo’ – todos no masculino! De

fato, gay é uma palavra que vem sendo utilizada mais comumente para identificar o homossexual masculino. Esta visão, específica deste grupo, pode ser percebida como uma representação social mais ampla, quando o próprio movimento LGBT, que luta pelos direitos dos seus membros, e principalmente contra a homofobia, insere os termos lésbicas, bissexuais e transexuais, a fim de dar visibilidade a todos os tipos de orientação e/ou possibilidades ligadas à sexualidade.

Dessa forma, como ser gay talvez seja uma 'opção diferente' pois transgride os padrões cristãos, como: "Deus fez o homem e a mulher [com sexos diferentes] para que cumpram seu papel e tenham filhos" - frase popular anônima, que tem a concordância de 11 em cada 12 brasileiros/as- (VENTURI, 2008, s/p.), demonstrando, assim, o quanto a inserção do discurso religioso está presente na representação contrária acerca da constituição familiar por pessoas do mesmo sexo.

Assim, partindo dessa premissa, resolvemos colher os discursos dos estudantes acerca da seguinte questão: O que você pensa da união homoafetiva?

De acordo com Lefevre e Lefevre (*apud* Falcão e Roquete, 2007), o que as pessoas pensam ou enunciam como respostas a uma indagação,

[...] reflete o compartilhamento de um imaginário social, comum, coletivo, existente num determinado momento. Os pensamentos contidos em expressões individuais representam mais do que um pensamento individual sobre um dado tema, eles revelam elementos do imaginário coletivo de um grupo (p. 07).

Dessa forma, a análise do discurso do sujeito coletivo (DSC) busca, a partir de expressões individuais, revelar as representações de um grupo social em um determinado contexto.

## **6 A UNIÃO HOMOAFETIVA: o que pensam os (as) estudantes heterossexuais.**

Entre os 105 estudantes que compõem a nossa amostra, 95,2% responderam a seguinte pergunta aberta: O que você pensa da união homoafetiva? As respostas foram analisadas, as Expressões-chave (E-ch) foram identificadas e classificadas de acordo com a Ideia Central (IC) que elas expressavam.

Em uma primeira análise validamos o discurso do sujeito coletivo, uma vez que as respostas dos sujeitos apresentaram alto grau de homogeneidade. As Ideias Centrais de discursos isolados foram descartadas.

A análise das respostas revelou um total de duas (2) Ideias Centrais válidas, a saber: **(1) para as estudantes heterossexuais: sou a favor, o amor é mais importante** e **(2) para os estudantes heterossexuais: sou contra, acho tudo uma palhaçada!**

**Quadro 4** - Discurso do Sujeito Coletivo de estudantes do sexo feminino, heterossexuais, construído para Ideia Central: **Sou a favor, o amor é mais importante.**

IDEIA CENTRAL	DSC	PERCENTUAL
<p style="text-align: center;"><b>SOU A FAVOR, O AMOR É MAIS IMPORTANTE</b></p>	<p><i>Não vejo nenhum problema porque se duas pessoas se amam, não importa o sexo, o que importa é o amor, carinho, afeição e atenção. Se duas pessoas se gostam, elas têm que ficar juntas e serem felizes. Se gostam e querem ser felizes o problema é delas. Toda a pessoa deve casar com quem ama, não importa o sexo. Não vejo nenhum problema, se gostam e têm vontade de casar que casem. Casamento é para quem se ama, então se eles se amam que fiquem juntos.</i></p>	53%

O sujeito coletivo formado pela maioria das estudantes expressa um discurso de aceitação da união entre pessoas do mesmo sexo, apesar do fato de ser gay aparecer na periferia da representação de forma negativa, enunciada principalmente pela evocação ‘pecado’ (ver Quadro 2).

Interessante perceber que, para esse grupo de adolescentes, o amor é a condição *sine qua non* para o casamento, reconhecendo a importância do carinho, da afeição e da atenção para a construção da união entre duas pessoas prezando, assim, uma característica do público feminino que é o romantismo (GOZZO et al, 2000).

Para esse grupo parece existir uma lógica contemporânea em que a união dura enquanto durar o amor.

Em relação ao sujeito coletivo “estudante masculino heterossexual”, o discurso é de expressiva aversão, considerando uma ‘palhaçada’, uma brincadeira de péssimo gosto e até abominação à união de pessoas do mesmo sexo (QUADRO 5).

**Quadro 5** - Discurso do Sujeito Coletivo de estudantes do sexo masculino, heterossexuais, construído para Ideia Central: **Sou contra, acho uma palhaçada!**

IDEIA CENTRAL	DSC	PERCENTUAL
<p><b>SOU A CONTRA,</b> <b>ACHO ISSO UMA PALHAÇADA!</b></p>	<p><i>Não sou a favor dessa palhaçada e nunca vou ser. Isso é uma palhaçada, tinha que acabar com esses homossexuais. É feio duas pessoas do mesmo sexo se juntarem como se fosse normal. Uma palhaçada sair nas ruas com o seu filho e ver dois homens se beijando, isso é normal? Acho feio, não concordo com o casamento gay. Eu até sou capaz de respeitar, mas abomino. Como pode o governo querer implantar uma lei em igrejas para aceitar o casamento gay? Uma tremenda palhaçada e viadagem. Imaginem se quiserem adotar um filho, a criança será muito infeliz por não entender o namoro de um homem com outro homem.</i></p>	74%

É surpreendente que, para esses estudantes que vivem na pós-modernidade, não é concebível outro modelo de família que não seja pela ideia tradicional construída a partir do “casamento heterossexual, monogâmico e procriador” (SANTOS, SCORSOLINI-COMIM e SANTOS, 2013, p. 572).

Um dado não expresso nos discursos das meninas, porém relatado pelos meninos, foi a possibilidade de adoção por famílias homoparentais, indicando a falta de correlação entre a união homoafetiva e a formação de uma família. O que parece sugerir que, pelo fato de gays fazerem parte de um grupo socialmente estigmatizado, parece influenciar sua capacidade de conciliar as ideias de ser homossexual e mãe/pai em uma sociedade heterossexista, como mencionado por Shulman (2010):

Outra acusação desse tipo diz respeito à cobrança de que pessoas gays deveriam ser mantidas distantes de crianças. Infelizmente, temos gasto uma grande quantidade de energia e autoestima na tentativa de provarmos o quanto somos amigos das crianças, até o ponto de sentirmos que precisamos tê-las para sermos completamente humanos ou tratados como um humano completo pela nossa família e governo (p. 71).

A ausência da adoção de crianças e da formação de uma família no discurso das meninas surge da incapacidade, ainda, de conciliar as ideias de ser homossexual e mãe/pai em uma sociedade heterossexista. A formação familiar no imaginário social é a família nuclear heterossexual. Entretanto, é preciso reconhecer

a sua diversidade, com legitimidade, inclusive no que diz respeito a adoção por casais homoafetivos. Casos desta natureza deixaram o cenário da invisibilidade para emergir como sujeito de direitos, amparados pelo Estado (MELLO, 2005; 2006).

Estará a escola preparada para lidar com todas estas mudanças? Estará o professor preparado para lidar com crianças e jovens adotadas por famílias homoafetivas? Estará a escola preparada para ações educativas para inclusão da diversidade sexual?

Concordamos com Borges e Meyer (2008), quando dizem que a escola não se resume a ser o reflexo em microescala dos valores, crenças e moralidades da sociedade maior. Ela é um espaço com grande potencial para reflexão sobre a sociedade e seus mecanismos de exclusão social.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização deste estudo nos permitiu conhecer um pouco mais sobre a crença acerca do ser gay, já que é um assunto vasto, que deriva várias abordagens e problemas no contexto sociocultural em que vive a pessoa gay na atualidade.

A Baixada Fluminense, local de realização deste trabalho, de acordo com o levantamento realizado pelo Centro de Referência LGBT, é o local do Estado do Rio de Janeiro onde há mais mortes a gays e ataques homofóbicos (JORNAL O DIA, 24/03/2012).

Assim, embora este trabalho seja um estudo de caso, pelo que não pode ser generalizável, possui grande relevância, pois apresenta um recorte de como jovens da última etapa da educação básica, isto é, jovens prestes a ingressarem em uma universidade e/ou no mercado de trabalho e de futuros formadores de suas próprias famílias, internalizam o GAY em suas crenças e o que pensam sobre a união homoafetiva.

Os dados apresentados revelaram uma crença conflitante e indefinida acerca da Representação Social do ser GAY, demonstrando o quanto essa juventude está confusa, limitada a pensamentos preconceituosos e equivocados sobre gênero e sexualidade, bem como a conflitos internos que podem ser manifestados sob as diferentes formas de violência.

Portanto, algumas perguntas se fazem prementes para nortearmos futuras pesquisas: como a escola pública pode trabalhar as diferentes masculinidades, feminilidades e a homossexualidade sem cair nos estereótipos e banalizações? Como enfrentar a intolerância, muitas vezes usadas para justificar o poder patriarcal e o modelo tradicional de família imposta pela igreja?

Não se pode deixar de destacar o papel específico da escola pública e sua função política e social como uma instituição que deve estar orientada pela lógica da inclusão, o que significa permitir o acesso ao conhecimento a todos, respeitando as diferenças sociais, raciais, religiosas e orientações sexuais.

## THE SOCIAL REPRESENTATIONS ABOUT THE GAY AMONG STUDENTS ON THE OUTSKIRTS OF RIO DE JANEIRO

### **Abstract:**

The aim of this work was to identify the social representations about homosexuality among the regular high school students, at a public school in the Baixada Fluminense, outskirts of Rio de Janeiro, according to sexual orientation and gender. We applied a matter of free association of words from the inducing word "GAY" as well as an open question on "What do you think of the same-sex union?" Our data demonstrated a conflicting and undefined belief about being GAY in both sexes, as well as collective speeches about the same-sex union fully accepted by the girls and familiar homophobia, by the boys.

**Keywords:** Gay. Social Representations. Homophobia. Heterosexism. Prejudice.

## LAS REPRESENTACIONES SOCIALES SOBRE LO GAY ENTRE ESTUDIANTES DE LA PERIFERIA DE RIO DE JANEIRO

### **Resumen:**

El objetivo de este artículo fue identificar las representaciones sociales sobre lo 'gay' entre los estudiantes de secundaria regular, en una escuela pública en la Baixada Fluminense, en el Estado de Río de Janeiro, de acuerdo con la orientación sexual y sexo. Se aplicó una cuestión de asociación libre de palabras a partir de la palabra inductora "gay", así como una pregunta abierta sobre "¿Qué piensas de la unión homoafectiva". Nuestros datos demuestran una creencia conflictiva e indefinida acerca de ser gay en ambos sexos, así como discursos colectivos sobre la unión homoafectiva plenamente aceptada por las niñas y de homofobia familiar por los chicos.

**Palabras clave:** Gay. Representaciones Sociales. Homofobia. Heterosexismo. Prejuicio.

## REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. L'organisation interne des representations sociales: système central et système périphérique. In: GUIMELLI, C (Org.) **Structures et Transformatwns des Representations Sociales**. Neuchâtel: Delpensaux et Niestlé. 1994.

\_\_\_\_\_. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1998, 106 p.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19 (2): 336, maio-agosto. 2011.

COUTINHO, M. P. L.; LIMA, A.S.; FORTUNATO, M.L.; OLIVEIRA, F.B. **Representações sociais: abordagem interdisciplinar**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2001.

DARDE, V.W. da S. A construção de sentidos sobre a sexualidade na mídia brasileira. **Em aberto: comunicação e informação**, n. 2, v. 14, 2008.

DI GIACOMO, J.C. Alliance et rejets untergroupes au seun d'un mouvement de revendication. In: DOISE, W. et al. **L'etude des representations sociales**. Paris: Delchaux & Niestle, 1986, p. 17-29.

FALCÃO, E. B. M. & ROQUETTE, G. S. **As representações sociais de natureza e sua importância para a educação ambiental**: uma pesquisa em quatro escolas. Ensaio, 2007. Disponível em: <http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/view/119/169>. Acesso em: 03 maio 2014

FAZANO, L. C; RIBEIRO, A. I. M; DO PRADO, V. M. Homofobia na escola: o discurso indiferente ao aluno diferente. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 10, n. 2, p. 65-72, 2012.

FELIPE, J & GUIZZO, B.S. Entre batons, esmaltes e fantasias In: MEYER, D; SOARES, R. (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Meditação, 2ª Ed. 2008.

FOUCAULT, M. A história da sexualidade 1: a vontade do saber. In: BORGES, R. da. **Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade dos seus**

**filhos**. Mestrado, 253p. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade de São Paulo- USP. 2009

GATO, J; CARNEIRO, N. S., & FONTAINE, A. M. Contributo para uma revisitação histórica e crítica do preconceito contra as pessoas não heterossexuais. **Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política**, 1(1), 139-167, 2011.

GATO, J; LEME, V.B.R; LEME, A. A. Atitudes relativamente à homossexualidade em Portugal e no Brasil. Fazendo Gênero 9 – **Diásporas, Diversidade, Deslocamentos**, 1- 11. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277826273\\_ARQUIVO\\_Atitude\\_srelativamenteahomossexualidadeemPortugalenobrasil.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277826273_ARQUIVO_Atitude_srelativamenteahomossexualidadeemPortugalenobrasil.pdf)

GOZZO TO, FUSTINONI SM, BARBIERI M, ROHER WM, FREITAS IA. Sexualidade feminina: compreendendo seu significado. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 8 (3):84-90. 2000.

JORNAL O DIA. **Ataques violentos matam um travesti por dia na Baixada Fluminense**. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/portal/rio/ataques-violentos-matam-um-travesti-por-dia-na-baixada-1.423677>. Acesso em: 26 maio. 2014.

JUNQUEIRA, D. R. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 1, 2012.

KOEHLER, S. M. F. A representação social da homofobia na cidade de Lorena/SP. Diálogo Educacional. **Revista do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, PUCPR**, v. 9, n. 28, Curitiba, set./dez. 2009.

LEFEVRE, A. M. C.; CRESTANA, M. F.; CORNETTA, V. K. A utilização da metodologia do discurso do sujeito coletivo na avaliação qualitativa dos cursos de especialização “Capacitação e Desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde – CADRHU”. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 68-75, jul.-dez. 2003.

LEFEVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Pesquisa de Representação Social: um enfoque qualiquantitativo: a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo**. Brasília: Líber Livro Editora, 2010, 224p.

MARSIAJ, P. J. P. Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. **Cad. AEL**, v.10, n.18/19, 2003.

MAISTRO, V.I.A. **Projetos de Orientação Sexual nas escolas: seus limites e suas possibilidades**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2006.

MELLO, L. Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil, **Cadernos Pagu** (24), janeiro-junho, pp.197-225, 2005.

MENEZES, L.N & MENEZES, E.C.A. Proposta de abordagem sobre educação sexual: o uso do filme “qualquer gato vira-lata”. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p.41 - 50, jan. / jun. 2013.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NATIVIDADE, M. T & BILATE, L. F. **O global e o local: homofobias, diversidade sexual e religião na Baixada Fluminense**. In: Diásporas, Diversidade, Deslocamentos, Santa Catarina, 2010. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278209247\\_ARQUIVO\\_Natividade.BilateST66.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278209247_ARQUIVO_Natividade.BilateST66.pdf). Acesso em: 20 julho. 2013.

PEREIRA, C. R, et al. O Papel de Representações Sociais sobre a Natureza da Homossexualidade na Oposição ao Casamento Civil e à Adoção por Famílias Homoafetivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 79-89, 2013.

PEREIRA, M do M. Como se faz o gênero na escola? Uma etnografia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21 (2): 727-743, maio-agosto, 2013.

RAMIRES NETO, L. **Habitus de gênero e experiência escolar: jovens gays no ensino médio em São Paulo**. Mestrado, Programa de Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). 2006. Disponível: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-03022012-163059/en.php>. Acesso em: 20 maio. 2014.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SANTOS, V. Homossexualidade no ambiente escolar. **Revista Eletrônica: LENPES-PIDID de Ciências Sociais- UEL**. N, 2, v.1, jul-dez. 2012.

